

A "mudança de rota" do Papa Francisco, segundo Magister

Sandro Magister anuncia uma "mudança de rota" do Papa Francisco. Como bem observa esse jornalista, a mídia não vai divulgar isso... Tudo é muito surpreendente, e é sempre de bom alvitre esperar antes de atacar em meio à bruma.

Texto de Sandro Magister,

publicado em espanhol em [Chiesa](#)

traduzido em português por [Unisinos](#)

Comentário Lucia Zucchi

Também o Papa faz autocrítica. E corrige três erros, segundo vaticanista

Tira do sítio a entrevista que deu a **Scalfari**. Retifica suas opiniões sobre o **Concílio Vaticano II**. Distancia-se das correntes progressistas que o aplaudiram até este momento. Mas os meios de comunicação calam sobre estas mudanças.

A reportagem é de **Sandro Magister** e publicada no sítio **Chiesa.it**, 22-11-2013. A tradução é de **André Langer**.

No espaço de alguns dias, o Papa corrigiu ou fez corrigir, alguns elementos significativos da sua imagem pública. Três, pelo menos.

O primeiro diz respeito à [conversa](#) que teve com **Eugenio Scalfari**, posta por escrito por este campeão do pensamento ateu no jornal **La Repubblica**, em 1º de outubro.

A transcrição da conversa havia produzido, de fato, um descontentamento generalizado, causado por algumas afirmações colocadas na boca de **Francisco** que pareciam mais em sintonia com o pensamento laico dominante do que com a doutrina católica.

Como, por exemplo, a seguinte: “Cada um de nós tem uma visão do Bem e também do Mal. Devemos incitar a proceder para aquilo que cada um pensa que seja o Bem.”.

Entretanto, nesse momento, a entrevista havia sido aprovada pelo **padre Federico Lombardi** como “fiel ao pensamento” do Papa e “fidedigna em seu sentido geral”.

Mas não acabou por aí. Poucas horas depois da sua publicação no **La Repubblica**, a entrevista foi reproduzida na íntegra tanto no **L'Osservatore Romano** como no sítio oficial da **Santa Sé**, assim como acontece com os outros discursos e documentos do Papa.

Nasceu assim a ideia de que **Jorge Mario Bergoglio** havia escolhido a propósito a modalidade expressiva da [entrevista](#), tanto nesta ocasião como em outras posteriores, como a nova forma do seu magistério capaz de chegar de maneira mais eficaz ao grande pública.

Mas, ao longo das semanas seguintes, o Papa se deu conta do risco que esta modalidade entranhava: que o magistério da Igreja seja rebaixado ao nível de simples opinião oferecida ao livre confronto.

De fato, daí derivou a decisão, no dia 15 de novembro, de [retirar do sítio](#) da **Santa Sé** o texto da entrevista com **Scalfari**.

“Ao tirá-lo – explicou o **padre Lombardi** –, precisou-se a natureza desse texto. Havia algum equívoco e debate sobre seu valor”.

No dia 21 de novembro, entrevistado na sede romana da imprensa internacional, **Scalfari** revelou, no entanto, outros detalhes deste assunto.

Disse que o Papa, ao término da conversa, teria consentido em publicá-la. E diante da proposta de **Scalfari** de lhe mandar o texto antes de ser publicado, teria respondido: “Me parece perda de tempo, confio em você”.

Efetivamente, o fundador do **La Repubblica** enviou o texto ao Papa, acompanhado de uma carta na qual, entre outras coisas, dizia: “Tenha em conta que não referi algumas coisas que você me contou. E que algumas coisas que o faço dizer, não as disse. Mas eu as acrescentei para que o leitor saiba quem é você”.

Dois dias depois – e de acordo com o que **Scalfari** refere – o segundo secretário do Papa, **Alfred Xuereb** deu, por telefone, o ok para a publicação, que saiu no dia seguinte.

Scalfari comentou: “Eu estou disposto a acreditar que o Papa não compartilha algumas coisas escritas por mim e atribuídas a ele, mas também creio que ele considera que, expressadas por um não crente, são importantes para ele e para a ação que desenvolve”.

* * *

Mas também a equilibrada e estudadíssima [entrevista](#) do **Papa Francisco** à revista **La Civiltà Cattolica** – publicada no dia 19 de setembro simultaneamente por 16 revistas da **Companhia da Jesus**, em 11 idiomas – entrou nos últimos dias na oficina das coisas que é preciso corrigir.

Sobre um ponto chave: a interpretação do **Concílio Vaticano II**.

Compreendeu-se isto ao tomar conhecimento de uma passagem da carta autógrafa escrita

por **Francisco** ao arcebispo [Agostino Marchetto](#) por ocasião da apresentação de um livro escrito em sua honra, no dia 12 de novembro, no solene marco do Capitólio, carta que o Papa quis que fosse lida em público.

A passagem é a seguinte: “Você manifestou este amor [à Igreja] de muitas maneiras, inclusive corrigindo este erro ou esta imprecisão da minha parte – e por isso lhe agradeço de coração –, mas sobretudo se apresentou com toda a sua pureza nos estudos realizados sobre o **Concílio Vaticano II**. Uma vez lhe disse, querido **mons. Marchetto**, e desejo repeti-lo hoje, que o considero o melhor hermeneuta do **Concílio Vaticano II**”.

Já a definição de **Marchetto** como “o melhor hermeneuta” do Concílio é espetacular. De fato, **Marchetto** é, desde sempre, o crítico mais implacável da “[Escola de Bolonha](#)” – fundada por **Giuseppe Dossetti** e **Giuseppe Alberigo**, e hoje dirigida pelo professor **Alberto Meloni** –, que tem o monopólio mundial da interpretação do **Vaticano II** em chave progressista.

A hermenêutica do Concílio defendida por **Marchetto** é a mesma defendida por **Bento XVI**: não “ruptura” e “novo início”, mas “reforma na continuidade do único sujeito Igreja”. E esta é a hermenêutica que o **Papa Francisco** quis demonstrar que compartilha ao manifestar uma apreciação tão elevada de **Marchetto**.

Mas quando se relê a sucinta passagem que **Francisco** dedica ao **Vaticano II** na entrevista à **La Civiltà Cattolica**, a impressão que se tem é diferente. “Sim, há linhas de continuidade e de descontinuidade”, admite o Papa. “Mas – acrescenta – uma coisa está clara”: o **Vaticano II** foi “um serviço ao povo” que consiste em “uma releitura do Evangelho à luz da cultura contemporânea”.

Em três ocasiões, nas poucas linhas da entrevista dedicadas ao Concílio, **Bergoglio** define dessa maneira sua essência, que ele aplica também à reforma da liturgia.

Tal julgamento sobre o grandioso acontecimento que foi o Concílio pareceu tão sumário a muitas pessoas, a ponto de o próprio **Antonio Spadaro**, diretor da revista **La Civiltà Cattolica** e autor da entrevista, confessar seu assombro ao transcrever as palavras de **Francisco**.

Entretanto, este julgamento foi ganhando amplos consensos.

Por exemplo, o presidente da República italiana **Giorgio Napolitano**, ao receber o Papa em sua visita ao Palácio Quirinal, no dia 14 de novembro, citando as palavras exatas deste, agradeceu-lhe exatamente por fazer “vibrar o espírito do **Concílio Vaticano II** como ‘releitura do Evangelho à luz da cultura contemporânea’”.

E estas mesmas palavras foram aplaudidas – e este é outro exemplo – pelo número um dos liturgistas italianos, [Andrea Grillo](#), professor no **Pontifício Ateneu Santo Anselmo**, segundo o qual **Francisco** teria, finalmente, inaugurado a verdadeira e definitiva “hermenêutica” do Concílio, após ter “situado imediatamente em um segundo plano essa diatribe sobre a ‘continuidade’ e a ‘descontinuidade’ que havia prejudicado durante muito tempo – e muitas

vezes paralisando tudo – qualquer hermenêutica eficaz do **Vaticano II**”.

Efetivamente, não é um mistério que “serviço ao povo” e releitura do Evangelho “atualizada para hoje” sejam conceitos apreciados pelas interpretações progressistas do Concílio e, em particular, pela “**Escola de Bolonha**”, que várias vezes se declarou entusiasta deste Papa.

Mas, evidentemente, há quem fez observar pessoalmente ao **Papa Bergoglio** que reduzir o Vaticano a estes conceitos é, pelo menos “impreciso”, senão mesmo “errado”.

E foi exatamente **Marchetto** quem deu este passo. Entre ele e **Bergoglio** há, desde muito tempo, uma grande confiança, com estima recíproca. **Marchetto** mora em **Roma**, na casa do clero da Via della Scrofa, onde ocupa o quarto n. 204, vizinho ao n. 203, no qual se hospedava o então arcebispo de **Buenos Aires** em suas passagens por **Roma**.

O **Papa Francisco** não só ouviu as críticas de seu amigo, mas que as acolheu, a ponto de lhe agradecer, na carta lida no dia 12 de novembro, o fato de tê-lo ajudado “corrigindo um erro ou imprecisão da minha parte”.

Presume-se que no futuro **Francisco** se expressará sobre o Concílio de outra maneira, que não aquela da revista, mais em sintonia com a [hermenêutica de Bento XVI](#), e com grande decepção para a “**Escola de Bolonha**”.

* * *

A terceira correção é coerente com as duas anteriores. Refere-se ao selo “progressista” com que o Papa Francisco viu que foi marcado nestes primeiros meses de pontificado.

Há um mês, no dia 17 de outubro, parecia que **Bergoglio** confirmava uma vez mais este perfil quando, na homilia matutina na **Capela Santa Marta**, havia dirigido palavras duras contra os cristãos que transformam a fé em “[ideologia moralista](#)”, feita toda ela de “prescrições sem bondade”.

Mas, um mês depois, em 18 de novembro, em [outra homilia matutina](#) o Papa tocou uma música muito diferente.

Tomou como ponto de partida a rebelião dos **Macabeus** contra as potências dominantes da época para dar uma tremenda reprimenda a esse “progressismo adolescente”, também católico, disposto a se submeter à “uniformidade hegemônica” do “pensamento único fruto da mundanidade”.

Não é verdade, disse **Francisco**, que “diante de qualquer escolha seja justo seguir em frente apesar de tudo, em vez de permanecer fiel à própria tradição”. À força de negociar sobre tudo acabam esvaziando de sentido os valores, razão pela qual ficam apenas os “valores nominais, não reais”. Pelo contrário, acaba-se negociando precisamente “o que é essencial para o próprio ser, a fidelidade ao Senhor”.

O pensamento único que domina o mundo – continuou o Papa – legaliza também “as condenações à morte”, “os sacrifícios humanos”. “Mas, vocês – perguntou – pensam que hoje não se fazem mais sacrifícios humanos? Se fazem muitos, muitos! Embora haja leis que os protegem”.

Difícil não ver neste grito de dor do **Papa Francisco** as inumeráveis vidas humanas suprimidas antes mesmo de nascer pelo aborto, ou destruídas pela eutanásia.

Lamentando o avanço “deste espírito de mundanidade que leva à apostasia”, o Papa citou um romance “profético” do começo do Século XX, que é uma das suas leituras preferidas: **O Senhor do Mundo**, de **Robert H. Benson**, um sacerdote anglicano, filho de um arcebispo de **Canterbury**, que se converteu ao catolicismo.

Com a exceção de alguns veículos católicos, os meios de comunicação de todo o mundo ignoraram esta homilia do **Papa Francisco** que, com efeito, contradiz de maneira flagrante os esquemas progressistas, ou inclusive revolucionários, com os quais é descrito de modo geral.

Mas agora está nos documentos, e ali fica.

Uma curiosa coincidência: na missa na qual **Francisco** pronunciou esta homilia participou também o novo secretário de Estado, **Pietro Parolin**, em seu primeiro dia de trabalho na cúria romana.